

O bairro do Guamá da era Belle-Époque à Belém contemporâneaⁱ

Elisa Gonçalves Rodrigues¹
Andrey Ferreira Bastos²

Com o intuito de discorrer sobre como o bairro do Guamá, localizado na capital belenense, se tornou uma necrópole viva a partir do século XIX, neste ensaio resgatamos memórias da capital para além das designações cemiteriais do Cemitério Santa Izabel, que fora construído apenas em 1878 (Rodrigues 2020), já sendo resultado de grandes transformações do final do século XIX para o século XX. Antes da data, o bairro já era um espaço alvo para o depósito de pessoas rejeitadas socialmente, fruto da gentrificação em massa da capital paraense em decorrência das políticas de higienização social durante a Belle-Époque, período em que a exportação de látex e o grande fluxo de capital na região amazônica desencadeou o surgimento de uma burguesia gomífera emergente em Belém, bem como a preocupação do poder público com o seu bem-estar.

Segundo o Censo Demográfico realizado em 2010, o bairro do Guamá é o mais populoso dos 48 bairros de Belém, com aproximadamente 100 mil habitantes. O bairro está localizado na zona sul da cidade, às margens do rio homônimo, e abriga alguns dos espaços mais importantes da capital, sendo eles a Universidade Federal do Pará, os hospitais universitários Barros Barreto e Bettina Ferro e o Cemitério Santa Izabel, que garantem ao lugar um intenso fluxo de pessoas diariamente.

Em um breve resumo da história da ocupação do bairro do Guamá, remetemos ao período colonial, onde em 1728 o rei D. João V cede um lote de terras como sesmaria para que a área fosse explorada e desenvolvida. Em pouco menos de um século, a área sofreu grandes mudanças em sua utilização. Primeiramente, em 1755, foi vendida à padres da Ordem dos Mercedários, que 39 anos mais tarde foram expulsos pelas reformas administrativas promovidas pelo Marquês de Pombal. As terras foram então doadas à Santa Casa da Misericórdia Paraense.

A instituição, que era responsável pela assistência médica e social do Pará, ressignificou o espaço e o utilizou de maneira improvisada (Ramos 2013) para a construção do primeiro leprosário da região amazônica, que abrigava em sua maioria negros ex-escravizados (Henrique 2012). O local era chamado de Asylo do Tucunduba, sendo esta ocupação pautada agora na exclusão social enquanto

¹ Mestra em Antropologia - PPGSA/UFPA. Graduada em Ciências Sociais – UFPA. Membro associada da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC.) E-mail: elisagoncalves00@gmail.com.

² Mestrando em História, Política e Bens Culturais - CPDOC/FGV. Graduado em História – UFPA. E-mail: andreybastos68@hotmail.com.

solução para uma doença ainda incurável. Nesse sentido, a ida para o leprosário acabava por se tornar uma “sala de espera” para o óbito.

O jornal *O Liberal do Pará* em nota no dia 15 de novembro de 1871, expõe uma realidade preocupante à época. Denúncias sobre a fuga de “enfermos lázaros” (Souza 1871, p. 2) para a cidade, onde os mesmos dedicavam-se à mendicância como meio de subsistência. Contudo, a evasão é justificada pela administração do hospital não por:

“Necessidade de esmolar o pão, mas sim para satisfazerem o vício da embriaguez, á que sua triste sorte os conduz naturalmente, e que talvez busquem como único lenitivo a dor e a desgraçada sorte que os arrancou do seio da sociedade, segregando-se n’um lugar retirado da convivência social (Souza 1871, p. 2)”.

No excerto acima nota-se a preocupação em segregar os enfermos no lugar mais distante possível, arrancando-os do convívio social e afogando-os no esquecimento sem qualquer perspectiva. No entanto, isso fazia parte da mentalidade do século XIX, sendo estas as medidas profiláticas indicadas para manter a cidade sadia. Essa exclusão fica evidente na publicação do periódico “*Diário de Belém: Folha Política, Noticiosa e Commercial*” do dia 31 de agosto de 1888, que provoca a Santa Casa a retirar um homem com elefantíase de sua própria casa:

Sob esta mesma epigraphe, o nosso collega jornal das novidades chamou hontem a atenção do sr. provedor da Santa Casa para um pobre homem que, soffrendo de elephantiasis em gráo bastante avançado, reside em uma choupana a alguns passos do Marco da Legua. E’, realmente, precisam ser tomadas as necessarias providencias afim de que esse infeliz seja removido para o hospicio de Tucunduba, por quanto os moradores do lugar, que não são poucos, vivem receiosos pelo contagio da horrivel molestia; respirando-se alli um ar menos saturado de miasmas, muitas pessoas costumam proculal-o em benefício de sua saude alterada, e, ignorantes da perniciosa proximidade do elephantíaco, poderão experimentar effeitos contrarios aos da melhora que vão buscar. O sr. provedor da Santa Casa, estamos convictos, não deixara de tomar as necessarias providencias, a fim de que seja effectuada a remoção do infeliz [sic] (Rhossard 1888, p. 3).

O período se constrói como o mais expressivo momento de exclusão da região, sendo este documentado até mesmo na disputa entre os jornais “*A Constituição: Órgão do Partido Conservador*” e “*O Liberal do Pará*”, onde o primeiro alega ter “feito em cada mez, não duas, mas, sim as quatro visitas que me forão recommendadas em officio do illustre Provedor da Santa Caza de Misericórdia, o exm. sr. visconde de Arary” [sic] (Doria 1876, p. 1). Em resposta, o “*O Liberal do Pará*” provoca:

Diz o illustre doutor que elle faz 4 visitas mensaes. Vá que assim seja. Perguntamos: o que poderão lucrar os lazarus com 4 visitas medicas mensaes, quando nenhum tratamento se ensaia, já não dizemos para tentar-se cural-os, mas, pelo menos, para minorar-se-lhes os padecimentos? Se fizesse isto, não conseguiria algum resultado? E, para ensaiar-se um tratamento, são suficientes 4 visitas mensaes? [sic] (Souza 1876, p. 1).

Ramos (2013) atenta para o fato de que além do leprosário, a região também passou a contar com dois cemitérios, os hospitais Domingos Freire, São Sebastião, São Roque e o Asylo Infantil Santa Terezinha, que mais tarde se transformaram no hospital Universitário João de Barros Barreto, para tratar doenças infectocontagiosas como varíola, febre amarela e tuberculose. Desse modo, muitas famílias mudaram-se para o entorno do hospital a fim de ficar mais perto de seus entes internados nos hospitais ou condenados à morte nos asilos, dando início à ocupação populacional do futuro bairro do Guamá.

Dias Júnior (2009) afirma que a ocupação da região se deu em dois momentos. A primeira, por terra, foi impulsionada durante o segundo ciclo da borracha no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde migrantes nordestinos, que chegavam à capital sem muita perspectiva, começaram a explorar áreas próximas ao bairro de São Brás, que era um ponto de entrada e saída da cidade, criando trilhas e assentamentos, onde se fixaram com suas famílias. A segunda, durante a década de 1950, por famílias vindas do interior do estado, que atravessavam o Rio Guamá e se assentavam na orla da região.

Ramos (2013) sugere que a região ainda sofreu um terceiro fluxo migratório durante a Ditadura Militar por conta dos grandes projetos instalados na região amazônica, que iam desde a construção de estradas e hidrelétricas à exploração mineral. Tais obras contribuíram para o agravamento das crises e tensões sociais existentes no campo e na cidade, o que ocasionou na mudança da geografia regional, desencadeando uma desigual concentração fundiária e um desenfreado êxodo rural.

O bairro do Guamá ainda compõe um dos perfis socioeconômicos mais carentes da capital. Por tratar-se de um bairro fundado a partir da exclusão de pessoas com hanseníase, lepra, doenças mentais, dentre outras, e neste caso, transferidas para uma região de Belém que à época era considerada uma área afastada do centro ocupado pelas elites, perpetuando assim uma série de trajetos e circuitos de deambulações/ocupações de caráter segregador entre as duas realidades mencionadas (Magnani 2013), o bairro ainda passa por uma série de apagamentos em sua memória.

Além do Cemitério Santa Izabel, de caráter perpétuo em uso desde 1870, com seus, aproximadamente, 45.000 túmulos acumulados na história belenense, e inaugurado em 1878, outros dois cemitérios acompanharam o processo de formação do bairro, reforçando o perfil de exclusão e gentrificação da cidade, são eles: o “campo santo”, construído próximo ao Asilo do Tucunduba, desativado em 1887; e o cemitério da Ordem Terceira de São Francisco, inaugurado em 1885, em frente ao Santa Izabel (Rodrigues & Silveira 2022). No passado, a população enobrecida local denominava esta área como “amaldiçoada”, traçando uma linha segregacionista entre o centro e a

periferia (Magnani 2013), fazendo do bairro do Guamá um espaço à deriva e à margem da cidade de Belém em expansão.

O Cemitério do Tucunduba, ativo somente para o sepultamento dos internos do Leprosário do Tucunduba e apagado da memória belenense, reafirma o quanto a capital segregava os moradores do bairro, usando demasiadamente a justificativa de contaminação e discriminação para criar barreiras até mesmo no óbito. A elite de Belém ocupava não somente espaços nobres, mas cemitérios notáveis. O Cemitério da Soledade, localizado no bairro nobre Batista Campos, ativo de 1850 a 1880, recebeu as mais nobres inumações da capital belenense. Dono das mais ilustres arquiteturas mortuárias, o cemitério sepultou militares como o Tenente-coronel Raimundo Pereira Lima, Major Gaspar Leitão da Cunha; famílias nobres como os Chermont, Barata, Antônio Teodorico da Silva Penna, Joaquim Marcelino Rosa, Joaquim Roberto da Silva, além do Visconde de Arary, ocupando hierarquicamente os sepulcros.

O Cemitério Santa Izabel passou, após a desativação do “campo santo”, a herdar os sepultamentos dos internos desde sua ativação, bem como todos os outros sepultados do bairro com as doenças infectocontagiosas, além de superlotar com sepultamentos das tantas epidemias que a capital sofreu. Apesar de também ter sepultado grandes nomes como o médico Camilo Salgado, Josephina Conte, o Governador Magalhães Barata e a escritora Eneida de Moraes, em detrimento da também desativação do Cemitério da Soledade entre 1875 e 1880, que o potencializou como o Cemitério mais recorrente do período e localidade, sendo hoje, um dos maiores cemitérios da capital, que não possui mais espaço para novas covas, mas atende semanalmente sepultamentos em jazigos familiares.

Resguardando a memória e história do bairro em seu imaginário, o Cemitério Santa Izabel condensa uma série de Santos Milagreiros que também retratam a antiga Belém, como é o exemplo do médico Camilo Salgado, conhecido até hoje por seus cuidados aos doentes e necessitados, recebe incessantes visitas em Finados para ouvir as preces dos devotos e fazer o que o imortalizou no bairro: tratar dos mais necessitados. Além disso, Josephina Conte, filha de Nicolau Conte, um grande empresário francês, conhecida como a mulher do táxi (Monteiro 2000), eternizada pelo escritor paraense Walcyr Monteiro em sua obra *Visagens e Assombrações de Belém*, inverte a posição presente somente no essencialmente no bairro do Guamá, pois ainda que frequentasse a alta burguesia da época, não deixou de sofrer a epidemia infectocontagiosa de Belém, e faleceu aos 16 anos de tuberculose.

Apesar dos inúmeros apagamentos e afastamentos que o bairro tem sofrido historicamente, ele se destaca de outras formas para se opor à sua posição de distante do restante da cidade, fazendo contra movimentos, de modo cultural, que para além do repasse histórico partilhado entre seus pares,

também subvertem o estigma que o bairro carrega após tantos anos de higienização, gentrificação e exclusão. Dentre essas movimentações, o bairro se destaca pelo Espaço Cultural Nossa Biblioteca³, um espaço coletivo em funcionamento desde 1977, que tem como lema a construção de um bairro de leitores. O espaço surgiu de ações com crianças em situação de rua, por atividades de apoio pedagógico e lúdico, e assim que percebido o interesse pela leitura, inaugurou-se a primeira Biblioteca Comunitária do bairro, com atividades do movimento popular à noite e aos finais de semana. A missão do projeto é difundir a leitura com a democratização do livro e do conhecimento à autonomia pela melhoria da qualidade de vida na Amazônia. O espaço conta com lideranças locais do bairro, inúmeras programações e oficinas para os moradores, além de aceitar doações de materiais para o acervo literário.

Além do Espaço Cultural Nossa Biblioteca, o Cortejo Visagento ocorrido todo dia 31 de outubro, também faz parte da história de resistência do bairro do Guamá. Ocorrido pela primeira vez em 2017, onde aconteceu apenas dentro do Espaço Cultural Nossa Biblioteca, ganhou as ruas nas edições seguintes, com o intuito de rememorar e valorizar as histórias tradicionais de Belém, especialmente sobre mitos e lendas pertencentes ao imaginário local, trazendo concurso de fantasias sobre tais lendas, além da memória do bairro e suas ruas. Um dos grandes objetivos do cortejo é buscar mostrar uma outra face da comunidade, sendo esta criativa, produtiva e pacífica, para criar referências positivas.

O percurso feito pelo Cortejo Visagento anualmente passa pelas ruas do bairro do Guamá contando suas histórias. Inicia seu percurso dentro do Cemitério Santa Izabel, para agrupar os participantes e desfazer a sensorialidade mórbida que paira sobre o espaço, fazendo do espaço um também potencial meio de cultura. A Passagem da Pedreirinha é a primeira rua que se passa no Cortejo, parando em frente ao terreiro para contar histórias da rua. Seguindo, o cortejo pausa na Rua João de Deus, a primeira rua do Guamá junto da passagem da Pedreirinha, aberta pelo sesmeiro Theodoreto Soares Pereira em 1728 (Guamá Tricentenário 2021). O cortejo ainda passa pela avenida Bernardo Sayão, que desemboca na Universidade Federal do Pará, não deixando de citar também a Rua Barão de Igarapé Miri, aberta em 1928 junto das melhorias nas instalações do Hospital dos Lásaros, o Leprosário do Tucunduba, durante o governo de Dionísio Bentes (Guamá Tricentenário 2021).

As dimensões valorativas das ruas e do bairro do Guamá transforma-se em um lugar de efervescência cultural, tornando-se o testemunho vivo de uma outra faceta dos lugares periféricos da metrópole da Amazônia, não deixando de lado seu fluxo e espaço de tráfego. O bairro se desfaz aos

³ Mais informações em: <https://www.facebook.com/ecnbiblioteca>.

poucos do estigma tratado por Goffman (1976, p. 7), onde “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” era recorrente nas imediações, fazendo do espaço um local confortável, seguro e acolhedor, como o restante da cidade.

REFERÊNCIAS

- Dias Junior J do ES. 2009. *CULTURA POPULAR NO GUAMÁ: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém*. Universidade Federal do Pará
- Doria F. 1876. Gazetilha. *A Constituição*, dez. 11, , p. 1–4
- Goffman E. 1976. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar
- Guamá Tricentenário. 2021. João de Deus, primeira rua do Guamá? *Boletim Informativo*, out., , p. 1–4.
- Henrique MC. 2012. Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX). *História, Ciências, Saúde*. 19(SUPPL.1):153–77.
- Magnani JGC. 2013. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. *Anuário Antropológico*. 38(2):53–72.
- Monteiro W. 2000. *Visagens e Assombrações de Belém*. Belém: Cromos Editora. 3º ed.
- Ramos JMT. 2013. A História da ocupação urbana no Tucunduba – Belém/Pará. *IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste*, p. 1–20.
- Rhossard HC. 1888. Elefantiaco. *Diário de Belém*, ago. 31, , p. 1–4.
- Rodrigues EG. 2020. *Antropologia mortuária: sentimentalismo contemporâneo acerca da morte*. Universidade Federal do Pará.
- Rodrigues EG, Silveira FLA da. 2022. ÀS PORTAS DAS CIDADES URBANA E CEMITERIAL NA CIDADE DE BELÉM (PA). *Revista Conhecimento Online*. 14(1):67–85.
- Souza JBR de. 1871. Factos diversos: ao público. *O Liberal do Pará*, nov. 15, , p. 1–4.
- Souza JBR de. 1876. Factos diversos. *O Liberal do Pará*, dez. 14, , p. 1–4.

ⁱ Este ensaio circunda a temática cemiterial pois faz parte da dissertação em andamento da primeira autora em seu campo de pesquisa, o Cemitério Santa Izabel, e reflete em suas imediações e construção do bairro do Guamá.